Em Tese Revista Eletrônica dos Pós Graduandos em Sociologia Política da UFSC

DOI: 10.5007/1806-5023.2012v9n2p1

v. 9 – n. 2– julho-dezembro/2012 – ISSN: 1806-5023

PERSPECTIVAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA EM INGLEHART E PUTNAM: ORIGENS, APROXIMAÇÕES E DIVERGÊNCIAS.

Gabriela Ribeiro Cardoso*

1 INTRODUÇÃO

Este artigo dedica-se a apresentar as perspectivas sobre a participação política desenvolvidas por dois teóricos políticos influentes no debate contemporâneo: Ronald Inglehart e Robert Putnam. Ambos têm em comum o fato de revigorarem as discussões sobre a teoria de cultura política, formuladas na década de 60 por Almond e Verba, a qual posteriormente foi alvo de críticas. Mas deixando de lado as semelhanças pelas filiações teóricas, os autores divergem em dimensões significativas: seja a pretensão analítica diferenciada, quanto às conclusões acerca da democracia e da própria participação política. Para tanto, concentro as análises deste artigo em duas obras: "Modernização, mudança cultural e democracia", publicado originalmente em 2005, de Inglehart e Welzel; e em "Bowling Alone[1]" de Robert Putnam, publicado em 2000.

2 INGLEHART E A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Inglehart dedica-se à formulação da teoria do desenvolvimento humano desde a década de 70 e ampara o seu trabalho em um projeto ambicioso, World Values Survey. O livro "Modernização, mudança cultural e democracia" (2009) revisita a teoria da modernização e assume a tese que o desenvolvimento econômico gera mudanças sociais, culturais e políticas[2]. Para sustentar este argumento, Inglehart e Welzel mobilizam os dados da pesquisa *World*

*Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina.

1 Tradução para o espanhol do título: "Sólo en bolera".

2 Ao apresentarem uma teoria revisitada da modernização, os autores propõem as seguintes modificações em relação às versões anteriores: os fatores econômicos não as únicas influências; a religião não se extingue com a modernização; a modernização não é irreversível; a modernização cultural não é linear; o processo de modernização não é ocidentalização (nem americanização); importância da transformação humanística da modernização.

DOI: 10.5007/1806-5023.2012v9n2p1
v. 9 – n. 2– julho-dezembro/2012 – ISSN: 1806-5023

Values Survey[3] *(WVS)* que vem sendo realizada desde 1981 em cerca de 90 países. A partir desta pesquisa, consideram que os valores e crenças de sociedades mais avançadas diferem drasticamente dos valores encontrados em sociedades menos desenvolvidas.

O argumento central dos autores concentra-se na premissa de que os valores de autoexpressão emergentes produzem um processo de desenvolvimento humano, por isso, esta teoria é conhecida como *teoria do desenvolvimento humano.* O impacto do desenvolvimento socioeconômico ocorre em duas fases: a *industrialização* que conduz a um processo de mudança cultural e gera burocratização e racionalização; já a *sociedade pós-industrial* conduz a um segundo processo de mudança cultural e ao invés do eixo burocratização, racionalização, a ênfase é atribuída à autonomia individual e aos valores de autoexpressão. Em síntese: "o estágio industrial da modernização traz a secularização da autoridade, enquanto o estágio pós-industrial traz a emancipação frente à autoridade" (INGLEHART e WELZEL, 2005, p. 47).

O processo de desenvolvimento humano é fruto da articulação entre três dimensões que permeiam o debate da ciência política contemporânea que são: a dimensão socioeconômica (oriunda das teorias da modernização); a dimensão cultural (teoria da cultura política) e a dimensão institucional. Nesta sequência do desenvolvimento humano, o desenvolvimento socioeconômico aumenta os recursos econômicos e cognitivos, o que por sua vez torna as pessoas "material, intelectual e socialmente independentes" (INGLEHART e WELZEL, 2005, p. 19). Após a consolidação da segurança existencial, as pessoas podem buscar metas que até então não eram priorizadas, adquirem novas preocupações na medida em que as necessidades básicas já estão satisfeitas, o que acarreta mudanças de valores e as escolhas passam a ser mais autônomas.

Os valores de autoexpressão propagam-se para diversas dimensões da vida como papeis de gênero, conscientização dos riscos, meio ambiente, consumo, motivações para o trabalho e para a participação política. Tais dimensões tornam-se cada vez mais questão de escolha individual, em razão do declínio da hierarquia e ao incentivo à autonomia e à

3 Esta pesquisa é coordenada por Ronald Inglehart e nela são abordadas mais de 250 variáveis referentes aos valores políticos, crenças culturais e desenvolvimento socioeconômico a cada cinco anos.

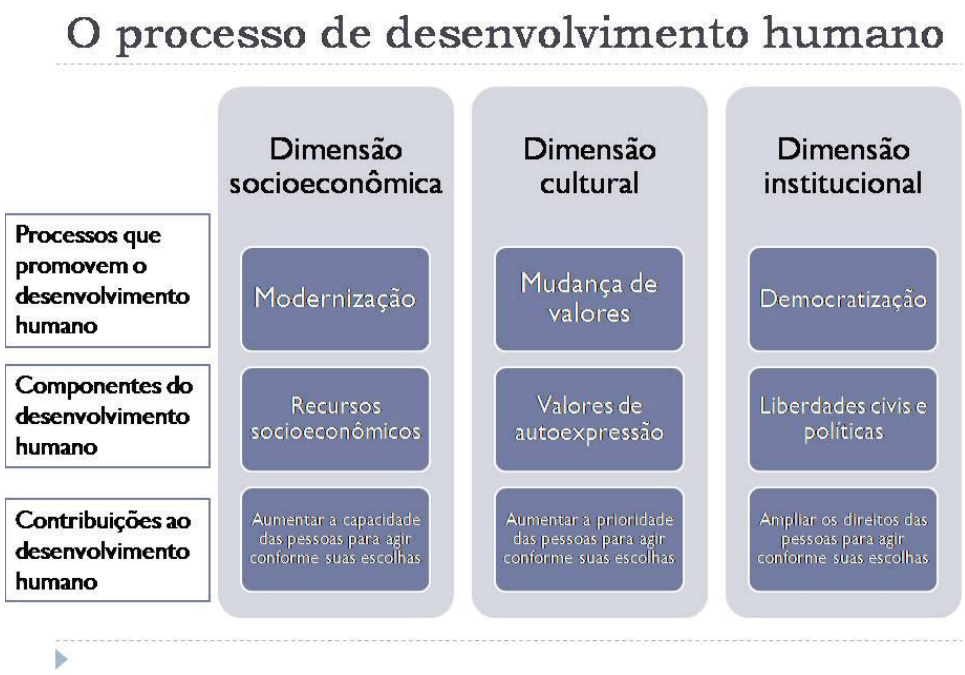
Em Tese Revista Eletrônica dos Pós Graduandos em Sociologia Política da UFSC

DOI: 10.5007/1806-5023.2012v9n2p1

v. 9 – n. 2– julho-dezembro/2012 – ISSN: 1806-5023

criatividade. O esquema retratado na sequência é interessante porque sintetiza a argumentação dos autores.

Figura 1: O Processo de Desenvolvimento Humano



Adaptado de: INGLEHART, R.; WELZEL, C.. Modernization, cultural change, and democracy: the human development sequence. New York, Cambridge University Press, 2005, p. 19.

Na teoria do desenvolvimento humano, a mudança intergeracional de valores ocupa um lugar importante. Nas análises realizadas, Inglehart e Welzel observaram que as gerações mais jovens enfatizam mais os valores seculares-racionais e os valores de autoexpressão do que gerações anteriores. Tais diferenças intergeracionais são mais reflexos de mudanças socioeconômicas do que efeitos do ciclo de vida, ou seja, não consistem em um processo universal de disseminação de uma cultura global.

A teoria da *mudança intergeracional de valores* baseia-se em duas hipóteses: 1) A *hipótese da escassez* (a prioridade das pessoas reflete as suas condições socioeconômicas)*; 2) A hipótese da socialização (*"os valores básicos do indivíduo refletem as condições que prevaleceram durante os anos que antecederam sua idade adulta") (INGLEHART e WELZEL,

DOI: 10.5007/1806-5023.2012v9n2p1
v. 9 – n. 2– julho-dezembro/2012 – ISSN: 1806-5023

2005, p. 131). No entanto, a análise dos autores articula as duas hipóteses na medida em que considera o sentimento de segurança subjetivo do indivíduo como influenciado pelo sentimento de segurança que prevalece no seu contexto social.

A mudança intergeracional de valores tem fomentado a disseminação dos valores pós-materialistas, principalmente nos países mais ricos. Tal mudança tem implicações na dimensão política, pois a mudanças para valores pós-materialistas é vista como parte de um processo de mudança cultural mais amplo capaz de produzir demandas maiores por democracia nos locais em que ela não existe e apoio cada vez mais sólido à democracia nos outros países, além de refletir na própria configuração da participação política. Esta dimensão da mudança intergeracional de valores consiste em um elemento em comum entre Inglehart e Putnam, no entanto, a relevância da socialização e a conexão com a dimensão política são encaradas de modo diferenciado.

3 PUTNAM E O DECLÍNIO DO CAPITAL SOCIAL

A suposição básica de Putnam é que membros de associações tendem a ser política e socialmente mais ativos, dando suporte às normas democráticas. Isto significa que a densidade de todos os tipos de associações em uma dada sociedade representa o seu estoque de confiança e reciprocidade, isto é, seu estoque de capital social. A expressão "capital social" é muito difundida no debate contemporâneo em diversas áreas (tais como: planejamento urbano, economia, criminologia) e se popularizou na obra "Comunidade e Democracia[4]" que possui o caráter inovador ao mobilizar uma diversidade de elementos explicativos. O capital social envolve a dimensão da confiança social, reciprocidade, redes de engajamento cívico que são forjadas em um processo histórico.

O livro "Bowling Alone" ou "Sólo en la bolera" é posterior ao "Comunidade e Democracia" que popularizou o conceito de capital social. É interessante destacar que "Sólo en

4 Em Comunidade e Democracia, Putnam dedica-se ao estudo da experiência de descentralização na Itália e tem a oportunidade rara de acompanhar o "marco zero institucional", ou seja, o processo de gestação institucional, no qual observa que apesar de as instituições terem sido criadas ao mesmo tempo, o desempenho é totalmente diferenciado. Por isso, ressalta a relevância da história e da cultura. Assim, destaca a existência no norte da Itália de uma comunidade cívica, na qual os cidadãos são atuantes e imbuídos de um espírito público e aponta para uma relação de causalidade entre o *desempenho institucional e a comunidade cívica*.

DOI: 10.5007/1806-5023.2012v9n2p1
v. 9 – n. 2– julho-dezembro/2012 – ISSN: 1806-5023

bolera" dedica-se a tratar da sociedade norte-americana e neste percurso Putnam detectou que o compromisso com a política tem sofrido alterações nas três últimas décadas, assim como as formas de associações cívicas tão descritas por Tocqueville. O comparecimento eleitoral tem declinado: a participação nas eleições presidenciais decresceu 25% nos últimos 36 anos. Putnam indaga sobre as motivações do declínio no comparecimento e a principal explicação levantada é justamente a mudança intergeracional – o que é um contraponto explícito com Inglehart. Por isso, identifica um duplo processo: o primeiro refere-se à mudança interna a uma geração. O segundo processo é mais lento e trata da mudança entre gerações, o que é detectável entre diferentes grupos de idade. A visão pessimista que possui das gerações mais jovens vai além da participação política e abrange a própria busca dos mais diversos tipos de informação.

Seu diagnóstico das tendências do engajamento cívico e do capital social constata um declínio generalizado do engajamento político nos últimos trinta anos, taxas decrescentes de participação em eleições e campanhas eleitorais, uma redução de todo tipo de engajamento direto em questões políticas e governamentais, a diminuição da disposição de se associar a partidos políticos e em outras organizações sociais e políticas locais. Neste mesmo contexto, tem ocorrido uma profissionalização da política com o crescimento de profissionais, o que contribui para o declínio da militância, trata-se ainda da emergência de uma "indústria política", com recursos para equipes profissionais e por isso considera que o capital econômico tem substituído o capital social.

No diagnóstico de Putnam, o declínio do associativismo manifesta-se em todas as dimensões da vida cívica: grupos religiosos, sindicatos de trabalho, associações de pais e professores e outros tipos de organizações cívicas e fraternais. Putnam considera a distinção de mudança dentro das gerações e entre as gerações como fundamental para entender o que tem ocorrido com a participação eleitoral nos EUA. O interesse pela política, assim como por notícias e informações está em declínio. Embora as eleições sejam a forma mais comum de participação política, Putnam ressalta que *votar não é a forma mais típica.* A participação precisa ser concebida também na dimensão cívica, o que implica em um sentido mais amplo para o fenômeno:

> El descenso en la participación electoral es solo el signo más visible de un desentendimiento más amplio de la vida comunitaria. Como ocurre con la

DOI: 10.5007/1806-5023.2012v9n2p1
v. 9 – n. 2– julho-dezembro/2012 – ISSN: 1806-5023

> fiebre, la abstención electoral tiene mayor importancia como síntoma de un problema más profundo del cuerpo político que como dolencia propiamente dicha. La creciente deserción de los norteamericanos no se produce solo en las cabinas electorales (PUTNAM, 2002, p. 39).

Ou seja, a abstenção é apenas o sintoma de um problema mais profundo, pois a participação eleitoral é vista como vinculada à cooperação em assuntos comunitários. Assim, a participação política é concebida de modo articulado à participação cívica, o que significa que as mudanças em uma esfera estão relacionadas à outra. Putnam é pessimista ao analisar o declínio do compromisso com as formas cotidianas da vida comunitária. A maior mudança nas formas de participação está naquelas que refletem às atividades de tipo comunitário, ou seja, a participação que depende de outros e que encarnam com maior expressão o capital social. Estabelece assim uma distinção entre a *participação voltada para a cooperação* (em maior declínio) e a *participação expressiva* (vinculada ao discurso político e individualizada).

Apesar de identificar o número crescente de associações nos Estados Unidos, a quantidade de filiados é muito menor do que décadas atrás. Mais do que isto, identifica um perfil diferenciado para as novas associações em crescimento focadas na *defesa de interesses* em contrapartida às associações de estrutura comunitária:

> Los nuevos grupos, que tanto están proliferando, son organizaciones estructuradas profesionalmente para la defensa de intereses, y no asociaciones de miembros con una base local. Los grupos más recientes se dedican fundamentalmente a expresar opiniones políticas en el debate político nacional, y no a proporcionar una vinculación constante entre los miembros individuales que constituyen sus bases" (PUTNAM, 2002, p. 60-61).

As características das novas associações diferem consideravelmente do traço marcante das organizações que são criadoras de capital social, que por sua vez necessitam de espaços locais para que os seus membros possam encontrar-se. De modo irônico, Putnam menciona que a filiação dos grupos novos implica mais em mover uma caneta ao invés de realizar uma reunião. Na perspectiva do capital social, o que é importa é uma filiação ativa, comprometida, por isso distingue entre a filiação formal e participação real, e principalmente esta participação ativa em clubes e organizações declinou em mais da metade nas últimas décadas do século XX.

Contudo, é relevante citar que em 2002 Putnam publicou o artigo "Bowling together", no qual o próprio título expressa um contraponto ao livro "Bowling Alone", pois reivindica

DOI: 10.5007/1806-5023.2012v9n2p1
v. 9 – n. 2– julho-dezembro/2012 – ISSN: 1806-5023

justamente a ideia de coletividade em oposição ao isolamento. O pesquisador parte do seguinte questionamento: como os valores e hábitos cívicos dos norte-americanos transformaram-se pelo ataque de 11 de setembro? A partir de pesquisas de opinião realizadas posteriormente ao evento, Putnam apresenta um quadro das mudanças que ocorrerem na sociedade norte-americana e destaca que os norte-americanos[5] sentem-se mais confiantes na cooperação da sua comunidade, mais tolerantes com a diversidade cultural, mais unidos, mais sintonizados com os propósitos públicos e prontos para o sacrifício coletivo. Além disto, os norte-americanos mais jovens estariam mais abertos à participação política do que em muitos anos.

4 PERSPECTIVAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Para avançar no diálogo entre Inglehart e Putnam, é necessário tecer algumas considerações acerca do debate sobre participação política. A obra "Political Action" (1979) de Barnes e Kaase é relevante no debate sobre participação política na medida em que reconhece as modalidades de protesto político: o que até então era visto como fonte de instabilidade política passou a ser incorporado enquanto um ingrediente da participação política (BORBA, 2012). Este projeto proporcionou uma reformulação nas formas de classificação da participação política que dividiu as modalidades entre convencionais[6] e não convencionais.

A distinção entre participação convencional e não convencional é retomada por Inglehart, que observa os desdobramentos dos valores pós-materialistas também na participação política. Logo, os indivíduos pós-materialistas afastam-se da participação convencional que está relacionada com as instâncias representantivas mais tradicionais e optam pela participação de oposição às elites (não convencional) como os protestos, boicotes e abaixo-assinados. Esta visão sobre a participação política está em consonância com a *dimensão institucional* da teoria do desenvolvimento humano que implica na valorização da democracia.

5 "In fact, in the wake of the terrorist attacks, more Americans reported having cooperated with their neighbors to resolve common problems. Fewer of us feel completely isolated socially, in the sense of having no one to turn to in a personal crisis" (PUTNAM, 2002, p. 21).
6 São exemplos de participação convencional: votar, participar de uma discussão política, assistir a um comício ou assembleia, ser membro de um partido político. A participação não convencional abrange: escrever um jornal, assinar uma petição, ocupar edifícios, participar numa greve.

DOI: 10.5007/1806-5023.2012v9n2p1
v. 9 – n. 2– julho-dezembro/2012 – ISSN: 1806-5023

Entretanto, Inglehart enfatiza a relevância que é atribuída à democracia efetiva, a democracia que seja capaz de ampliar as liberdades civis e políticas e os direitos das pessoas.

Convém mencionar que Inglehart estabelece uma ressalva com relação à classificação de participação convencional e não-convencional, pois nas suas análises observa um processo de mudança em ações como abaixo-assinado que aumentaram significativamente, o que pode expressar o fato de terem tornado-se convencionais.

O diagnóstico de Putnam é contundente ao ressaltar que ao mesmo tempo em que os norte-americanos abandonaram a vida política, retiraram-se da vida comunitária em geral. Uma questão importante a ser observada da análise de Putnam é justamente o fato de ele olhar para as mudanças sociais nas mais diversas esferas por uma perspectiva pessimista, da perda dos laços comunitários de proximidade que fortalecem o capital social. Associações pautadas por interesses dos mais diversos tipos: trabalhistas, identitários, ambientais e que por sua vez tenham um modo de organização não estruturado nas relações "face a face" são vistas com desconfiança.

A distinção que Putnam estabelece entre *capital social vinculante* e *capital social tipo ponte* é importante nesse debate, na medida em que o primeiro tipo de capital social está baseado nos vínculos entre pessoas que são semelhantes, o segundo estrutura-se pela relação entre atores sociais diferentes e distantes fisicamente, os quais não dependem da proximidade de viver em um mesmo bairro.

Neste sentido, quando Inglehart dialoga com Putnam enfatiza justamente a relevância que possui o capital social tipo ponte que possibilitaria a mobilização de um elevado número de pessoas para a ação coletiva, bem como a "geração de movimentos sociais que atravessam círculos sociais fechados e fronteiras nacionais" (INGLEHART; WELZEL, 2005, p. 346). Esta visão diferenciada entre Inglehart e Putnam[7] está explícita na seguinte passagem:

7 A relação entre capital social vinculante (*bonding social capital*) e capital social tipo ponte (*bridging social capital*) merece uma análise mais apurada em diferentes obras de Putnam. Em "Democracies in Flux" (2002), Putnam e Goss ressaltam que o capital social vinculante refere-se às pessoas que são parecidas em aspectos importantes (gênero, idade, etnia) ao passo que o capital social tipo ponte refere-se às redes de relações que podem envolver pessoas distintas. Por isto, considera que os efeitos externos dos laços tipo ponte frequentemente são positivos, enquanto os laços vinculantes podem limitar os grupos em nichos sociais particulares e homogêneos. O fato é que a maioria dos grupos mistura o capital social vinculante e o tipo ponte de modos distintos.

DOI: 10.5007/1806-5023.2012v9n2p1
v. 9 – n. 2– julho-dezembro/2012 – ISSN: 1806-5023

> Se definimos capital social como qualquer recurso societário que possibilita coordenar as ações das pessoas, identidades simbólicas sustentadas por organizações como o GreenPeace criam mais capital social do que laços pessoais criados por clubes de carteado e ligas de boliche [...]. Os laços do tipo ponte criados por identidades simbólicas são um ingrediente poderoso de capital social do que os laços vinculantes criados em redes fechadas, pessoais e voltadas para si próprias. (INGLEHART; WELZEL, 2005, p. 346)

A perspectiva pós-materialista de Inglehart pode ainda vincular-se às teorias dos novos movimentos sociais que emergiam na década de 60 na Europa e enfocam nas seguintes características: aprofundam na construção de um modelo baseado na cultura, modificaram a centralidade de um sujeito específico pré-determinado, a política ganha centralidade e destinam relevância às identidades coletivas (GOHN, 2000).

Convém abordar ainda que pesquisadores interessados em aprofundar a abordagem pós-materialista de Inglehart em outros contextos têm encontrado inconsistências e dificuldades para sustentar a argumentação do autor. Nesse sentido, Ribeiro e Borba (2010) propõem-se a verificar associação entre a priorização de valores pós-materialistas e as características da participação política para alguns países da América Latina (Argentina, Brasil, Chile e Peru). Nos países em desenvolvimento, o número de materialistas é maior do que o de pós-materialistas. Em linhas gerais, ocorreu uma redução no percentual de pós-materialistas, com exceção do Peru, o que merece destaque tendo em vista que o PIB destes países aumentou no decorrer do período analisado (1990-2008). Esse descompasso é interpretado como fruto da profunda desigualdade existente nestes países e nos elevados níveis de pobreza.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, pode-se identificar que Inglehart e Putnam desenvolvem conclusões diferenciadas dos processos de mudanças no campo da participação política, nas mudanças tecnológicas, da constituição familiar, das redes sociais. A perspectiva de Putnam desenvolvida em “Bowling Alone” relaciona o declínio da participação política em seu nível convencional, com o declínio da participação cívica. Inglehart, por sua vez, dedica-se às outras formas de manifestação da participação política. No entanto, a abordagem de Inglehart pode ser questionada pelo caráter altamente linear e preditivo ao ponto de estabelecer cenários futuros para os países não democráticos.

DOI: 10.5007/1806-5023.2012v9n2p1
v. 9 – n. 2– julho-dezembro/2012 – ISSN: 1806-5023

Embora haja uma filiação teórica em comum[8] entre Inglehart e Putnam no que concerne à teoria da cultura política originária com Almond e Verba, os desenvolvimentos teóricos apontam para relevantes diferenciações de enfoque. Neste sentido, Inglehart e Welzel (2005) categorizaram três abordagens da cultura política relacionadas à democracia, que são: a abordagem da legitimidade; a abordagem comunitária (ou do capital social) e a abordagem do desenvolvimento humano (ou a abordagem da emancipação).

Tal organização teórica possibilita compreender melhor as distinções entre a abordagem do capital social e a teoria do desenvolvimento humano. De um lado, Putnam ressalta a dimensão comunitária, ou seja, a atividade em associações bem como a confiança interpessoal. Por outro lado, Inglehart enfatiza os valores de autoexpressão que possuem um caráter eminentemente individual, por isto, as relações estabelecidas seriam mais diversificadas.

Nesse aspecto, repousa uma diferenciação significativa, mas ao mesmo tempo o diálogo entre os autores favorece o rendimento analítico. A ênfase nos valores de autoexpressão nos conduz ao seguinte questionamento: quais são os tipos de valores que são produzidos pelas formas de capital social? Segundo argumenta Inglehart, tais valores comunais podem ser autoritários, xenófobos e permeados pelo conservadorismo. No entanto, a aposta de Inglehart pode conduzir a uma perspectiva essencialmente individualista e descartar as possíveis contribuições do capital social já que o próprio Putnam alerta que não se pode assumir que o capital social é sempre algo bom para a democracia, pois é necessário considerar os seus potenciais vícios.

Convém ressaltar a diferença entre Inglehart e Putnam no que se refere à teoria da modernização, pois à revitalização desta teoria é um dos pilares da teoria do desenvolvimento humano. A teoria da modernização ressalta o declínio dos vínculos comunitários como inerentes ao próprio processo. Sobre esta questão, Putnam argumenta que uma interpretação simplificada desta teoria tem subestimado a habilidade humana de adaptar as formas de capital social existentes, bem como de criar novas formas. Ao mesmo tempo, Putnam ressalta a

8 "A abordagem do desenvolvimento humano compartilha com a abordagem comunitária a crença de que valores cívicos, e não apenas orientações específicas no sentido do sistema político e de suas instituições, são importantes para a democracia" (INGLEHART; WELZEL, 2005, p. 293).

DOI: 10.5007/1806-5023.2012v9n2p1
v. 9 – n. 2– julho-dezembro/2012 – ISSN: 1806-5023

importância do questionamento sobre como as relações sociais foram afetadas pela industrialização e urbanização (PUTNAM; GOSS, 2002).

As contribuições Pippa Norris (2007) são interessantes para avançar nas polêmicas entre Putnam e Inglehart na medida em que aprofundam na questão da participação, mas pela análise dos tipos de ativismo. Norris ressalta que as modificações enfrentadas pelas democracias contemporâneas como o declínio da filiação partidária, a descrença nos partidos políticos, a perda da lealdade política remetem às formas mais tradicionais de ação política.

Por isso, Norris ressalta que se os novos movimentos sociais constituem-se em uma alternativa de mobilização política e possuem relação com as interpretações sobre a vida associativa. Então, os estudos que se limitam a estudar formas tradicionais de participação fornecem uma visão parcial da realidade ao subestimar os modos de engajamento que são caracterizados por fronteiras mais difusas e pela informalidade. Logo, Norris elabora uma distinção relevante no repertório de ações: as *citizen-oriented actions* (eleições e partidos) e as *cause-oriented,* que enfocam em temas específicos, buscam alterar padrões de comportamento e não são apenas dirigidas aos parlamentares. As formas organizacionais emergentes estariam vinculadas às políticas *orientadas por causas.*

Nesse debate, alguns questionamentos destacam-se: será que o declínio da capital social vinculante constituiu-se mesmo em um processo perverso para a participação cívica e política? Quais são os outros fatores intervenientes? As mudanças identificadas no campo da participação política relacionam-se com as reconfigurações e críticas à representação? É interessante uma aproximação maior das teorias que debatem a participação política com as abordagens que se dedicam às modificações da representação política, a exemplo de Urbinati e Warren (2008). De um modo mais amplo, são as próprias ações e atitudes em relação à democracia que estão no horizonte teórico de Inglehart e Putnam.

REFERÊNCIAS

ALMOND, G. El estúdio de la cultura política. In: ALMOND, G. **Una disciplina segmentada**: Escuelas e corrientes en las ciências políticas. México: Fondo de Cultura Econômica, 1993,Parte I, Capítulo 1. pp. 196-218.

DOI: 10.5007/1806-5023.2012v9n2p1

v. 9 – n. 2– julho-dezembro/2012 – ISSN: 1806-5023

ALMOND, G. & VERBA, S. La cultura política. In: **Diez textos básicos de ciencia política**. 2ª ed. Ariel Ciencia Política. 2001. pp. 171-202.

BORBA, J. Participação política: uma revisão dos modelos de classificação. **Revista Sociedade e Estado** – Vol. 27, N° 2 - Maio/Agosto 2012.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2ª Ed., 2000.

INGLEHART, R.; WELZEL, C.. **Modernization, cultural change, and democracy**: the human development sequence. New York, Cambridge University Press, 2005.

NORRIS, P. Political activism: new challenges, new opportunities. In: BOIX & STOKES, D. **The oxford handbook of comparative politics**. Oxford: Oxford University Press,. pp. 628-652, 2007.

PUTNAM, R. **Sólo en la bolera: colapso y resurgimiento de la comunidad norte americana**. Galaxia Gutenberg, 2002.

PUTNAM, R. "Bowling together". **The american prospect**, 11 fev. 2002b. Disponível em: < http://prospect.org/article/bowling-together-0>.

PUTNAM, R.; GOSS, Kristin A. "Introdução". In: PUTNAM, R. (org). **Democracies in flux**: the evolution of social capital in contemporary society. Oxford: Oxford University Press, 2002.

PUTNAM, R. **El declive del capital social**. Galaxia Gutenberg, 2003.

RENNO, L. R. Teoria da Cultura Politica: Vicios e Virtudes. **BIB**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 71-93, 1998.

RIBEIRO, E. A. Teoria do desenvolvimento humano, cultura política e democracia. In: **BIB**. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, v. 64, p. 75-89, 2007.

DOI: 10.5007/1806-5023.2012v9n2p1

v. 9 – n. 2– julho-dezembro/2012 – ISSN: 1806-5023

RIBEIRO, E.; BORBA, J. Participação e pós-materialismo na América Latina**. Revista Opinião Pública.** Campinas, Vol. 16, nº 1, junho, 2010, p. 28 – 63, 2010.

TEORELL, J., TORCAL, M. & MONTERO, J.R. Political participation: Mapping the terrain. In: van Deth, Montero, J. R. & Westholm, A (eds.), **Citizenship andinvolvement in european democracies**: a comparative analysis (pp. 334-357). London: Routledge, 2006.

URBINATI, N. WARREN, M. The concept of representation in contemporary democratic theory. **Annu. Rev. Sci.** 2008.

RESUMO

O artigo possui como objetivo apresentar um panorama teórico acerca da participação política em dois autores influentes do debate contemporâneo: Ronald Inglehart e Robert Putnam. Neste sentido, destacam-se as origens teóricas destes autores, as aproximações e as divergências. Por fim, ressalta-se que os autores desenvolvem conclusões diferenciadas sobre os processos de mudanças no campo da participação política em consonância com as visões que possuem sobre capital social e pós-materialismo.

PALAVRAS-CHAVE: Participação política. Capital Social. Pós-materialismo.

ABSTRACT

The article aims to present an overview about the political participation in two influential authors of the contemporary debate: Ronald Inglehart and Robert Putnam. In this sense, we highlight the theoretical origins of these authors, approaches and divergences. Finally, this paper highlights that the authors develop differentiated conclusions about the processes of change in the field of political participation in consonance with their views about social capital and post-materialism.

KEYWORDS: Political Participation. Social Capital. Post Materialism.

Recebido em: 14 set. 2012
Aceito para publicação em: 10 mai. 2013